

## Literatura Comparada e Políticas Culturais: o “silêncio pânico” nos Estudos Literários

Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho<sup>1</sup> (UEFS)

### **Resumo:**

*A disciplina Literatura Comparada, provavelmente, é uma das mais responsáveis pelo revés dos estudos literários nos últimos anos e também é aquela que mais recente do seu conteúdo de trabalho em face da geração de leitores que a investiga e que, agora, deseja legitimar-se enquanto indivíduos perante os textos que cuidam e acompanham. Para além de estudos de literatura, parecemos testemunhar estudos políticos, isto é, políticas culturais na literatura. Os setores acadêmicos que ainda trabalham com a disciplina Literatura Comparada cada vez mais precisam tomar partido desses debates. Parece depender de tal cuidado, os rumos dos estudos da literatura e da formação da geração de leitores especialistas em literatura, disseminadores de cânones tanto para a leitura universitária quanto para a leitura escolarizada do ensino fundamental ao médio. Utilizo as ideias críticas de Silvano Santiago, Edward Said. Autores como Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro serão referidos.*

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Políticas Culturais; Leitura; Pós-Graduação.

### **1 Introdução**

Agora, aqui, é preciso correr o máximo que você poder para permanecer no mesmo lugar. Se quiser ir a algum outro lugar, deve correr duas vezes mais depressa do que isso!

Lewis Carroll

Este trabalho objetiva realizar discussão sobre a disciplina Literatura Comparada em um contexto de debate tanto dentro dos departamentos de pesquisa dos Programas de Pós-Graduação quanto nos cursos regulares de graduação em Letras, como também no âmbito dos grupos de especialistas reunidos para pensar cotidianamente os estudos literários. Um dos lugares de maior exposição ao debate a que me refiro são os eventos e congressos da Abralic, Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Se a frase escolhida como epígrafe acima é capaz de descrever o estado da questão atual dos estudos acadêmicos, os Estudos Literários atuais também estão implicados? A frase, escrita a cerca de oitenta anos atrás parece descrever fielmente o estado da questão dos estudos acadêmicos e das ciências sociais. Dito de outra forma, a acumulação de fenômenos a serem refletidos se tornou tão intensa que parecem obrigar o especialista a ser mais rápido nas suas imissões para não correr o risco de não ter qualquer valor os seus esforços. Seriam duas atitudes acadêmicas de mobilidade intelectual: a) um esforço de acompanhamento e outro, mais intenso e ágil, b) de antecipação e preparação para interpretação. Como os fenômenos parecem, em meio a uma complexidade de suportes e performances, surgir, proliferar e desaparecer, o simples ato de esperar para amadurecimento e consolidação parece permanentemente frustrado.

Se os estudos acadêmicos alcançaram este estado de mutação constante e incontrolável, os estudos literários têm quais qualidades para identificar-se fora dessa ordem? Por outro lado, de que forma os nossos estudos podem declarar-se habilitados a acompanhar o fenômeno contemporâneo da rapidez de superação de comportamentos, métodos e problemas científicos? Ou como denominei em outra apresentação, o desejo por passagens e ultrapassagens.

Um caminho ponderado para enfrentar a enxurrada de relativismos da fenomenologia contemporânea seja pela via da descrição de tais percepções. À primeira vista, saltam velozes algumas percepções: o mundo politizado, questões estéticas, formação do leitor, *bestseller* e, por último, a planície onde todos suspeitam.

No tempo contemporâneo, a necessidade de ver-se como alguém incluído, sujeito a direitos, impelido a expressar vontades e necessidades, representante e representado por um grupo é condição de convivência social. A isto podemos denominar de mundo politizado. Questões estéticas, de fruição parecem não surtir o efeito como foi para gerações passadas. O próprio modelo de leitura e formação do leitor aparenta ter perdido o interesse da geração de leitores atual. Faz algum tempo venho refletindo teoricamente sobre o termo geração de leitores. Ligado às demandas reflexivas da estética da recepção, das representações do leitor e das linhas de pesquisa em suportes e condições materiais para o surgimento do fenômeno da literatura.

O local consagrado por excelência para a formação do leitor, a Escola, não soube como evitar outra função impactante no imaginário individual: ser aparelho repressivo e ideológico. Segundo o seu autor, Louis Althusser, ao produzir mão de obra para a produção, “esta reprodução da qualificação da força de trabalho tende (trata-se de uma lei tendencial) a dar-se não mais no ‘local de trabalho’ (a aprendizagem na própria produção) porém, cada vez mais, fora da produção, através do sistema escolar capitalista e de outras instâncias e instituições” (2003, p. 57). O tema é complexo, mas não deve ser esquecido nesta demanda. Ainda no século dezenove, as representações de leitores (*O Ateneu*, de Raul Pompeia e *A Conde Vésper*, de Aluisio Azevedo) burlam as leituras escolares e se deliciam com textos declarados proibidos publicamente. Os conflitos entre textos escolares e leituras proibidas seguiram mais agudos nos séculos seguintes.

Por outro lado, os leitores atuais agem de maneira quase fanática frente a determinados tipos de literatura, os chamados *Bestsellers*. Diga-se de passagem, tais gêneros aparentam ser, por sua vez, tanto relatos de experiências de indivíduos, como escritos de grupos sociais ou ficcionais urgentes: bruxos, vampiros, prostitutas, favelas etc. Tais grupos tanto são autorepresentativos como inspiram legitimidade interna às suas aspirações, riscos, sucessos e existência cotidiana. E, mais uma vez, os estudos literários parecem chegar atrasados ao cerne do fenômeno, permitindo que outros sistemas dominem quase que solitários estas representações bem sucedidas.

A representação em grupos, quando são protocoladas na vida real, são aceitas por vias de identificação e identidade; quando são dignos representantes daquelas construções que os estudiosos de literatura denominam de realismo fantástico ou do maravilhoso (bruxos, lobisomens, vampiros, etc.), logo a geração de leitores os assumem como estandartes, lúdicos ou totens das suas vidas cotidianas (prolifera uniformes, tatuagens e games). Tudo isto transformado em coleções, *hobbies*, modo de vida, performances coletivas ou individuais. De qualquer forma, tais comportamentos não estão previstos pelos estudiosos de literatura mais acostumados a separar as leituras da Literatura com L maiúsculo, da vida cotidiana em que estão irremediavelmente engolfados.

Por outro lado, fechando a série de percepções, os estudos literários, cujo sentido era de aceitar um texto matriz como superior e parâmetro para observar o valor de outros mais recentes, jovens ou desconhecidos, estão sob suspeita. O centro da discussão anterior da escola da suspeita revertia toda a sua força sobre o cânone literário. Agora passadas algumas décadas de amadurecimento e consolidação deste debate, podemos afirmar que a questão não está, de fato, na suspeita do cânone. A sua qualidade, como observou Edward Said (2003), pouco foi abalada. O que mais podemos contar como ganho é o aprendizado de autores e narrativas antes relegadas ao descaso e ao preconceito de sem qualidade. No mais, o cânone literário parece seguir forte cumprindo o seu papel de unidade nacional e portador de valores profundos. Do que se suspeitou, no entanto, é que tais grupos expressivos ou performáticos não estão representados em narrativas da literatura.

A percepção de ausências e silêncios, hoje, são capazes de causar grandes estardalhaços na tranquilidade superior do cânone. Ausências e silêncios parecem não ser mais aceitos como sinônimos de que o fenômeno procurado não é merecedor da escrita. Agora, para o bem da individualidade eleita e da coletividade mobilizada, a geração de leitores tornou-se, por si, uma mentalidade atraente, influente, divergente e convergente.

As percepções descritas acima sinalizam perspectivas pontuais que, de forma alguma, devem ser desprezadas. Uma delas é a perspectiva de ultrapassagem. De imediato, tal imposição cultural se apresenta competitiva, com a urgência que exige técnicas de espera e ataque, força e precisão, economia de energia e autoavaliação constante. Ao se pensar em ultrapassagem acadêmica ou cultural, algumas questões são colocadas na forma de problema: O cotidiano politizado teria substituído a organização em classes? A questão, cuja validade deve ser testada posteriormente, vem com a finalidade de construir comportamentos reflexivos de ultrapassagem. Portanto, é preciso buscar um sintoma para o fenômeno de substituição de horizonte cultural. Um dos sintomas seria: Ao envolver-se em estudos de identidade e incorporar anseios de comunidades, papéis próprios no contexto de políticas governamentais, setores acadêmicos estariam recusando-se a ficar na condição de Aparelhos Repressores de Estado (ALTHUSSER, 2003).

Tradicionalis reprodutores e disseminadores de superioridades e de vantagens cosmopolitas, era habilidade comum dos estudos acadêmicos reprimir diferenças tidas como defeitos de regiões e comunidades sob argumentos de serem subdesenvolvidas, provincianas ou imaturas. Agora, estas comunidades aprenderam, por sua vez, a questionar e repelir tais imposições, na contemporaneidade, consideradas espúrias. Não parece que se esteja proibindo setores acadêmicos de continuarem produzindo conhecimento através de interpretações modernas, mas que a geração de leitores, agora tendo incorporado elementos de identificação politizados, são capazes de produzir contratextos e contra-qualificações (o 'Contraponto' de Edward Said), às vezes, desconfortáveis para a autoridade dos Aparelhos Repressores de Estado.

Outro sintoma do qual podemos nos valer para realizar uma reflexão sobre o silêncio pânico dos estudos literários é a eleição da Cultura e o comparatismo. Dos muitos modos de realizar comparatismo, pode-se apresentar dois textos, sendo um consagrado, cujo prestígio e consagração podem muito bem cancelar outro menos conhecido e prestigiado com o passar do tempo. Partindo do pressuposto da citação anterior a respeito da rapidez e da mudança, observamos que é da cultura que se deve partir o comparatismo. Da cultura, aqueles textos são obrigados a mostrar a profunda densidade de ambos. Não mais a superioridade, a modernização ou o cosmopolitismo, o prêmio agora torna-se a identidade, a autonomia e os biodireitos, isto é, os cânones seriam mais legitimados do que legitimadores.

Trata-se, então, de políticas e de ações culturais representadas em suportes intelectuais formando novos textos, novos vocabulários e novas formas de percepção da literatura. Nesta demanda, que aparenta renovar todo o gesto da moderna disciplina Teoria da Literatura e da nossa Literatura Comparada, vinda do século dezenove. É justo dos dezenove que vem a percepção de que, por caminhos políticos, algumas falas parecem agora receosas. O crítico Silviano Santiago percebeu tal comportamento em texto famoso de Machado de Assis. Segundo o autor de *Nas malhas da letra*:

Não se pode esperar que Machado de Assis rechaçasse os valores estreitos do nacionalismo em consequência da exclusão social dos africanos pela Escravidão negra no Brasil. Mas é triste constatar, em artigo por outro lado tão corajoso, o silêncio pânico do intelectual mulato diante da contribuição dos africanos para a formação da nacionalidade. Sua postura Crítica mais radical vis-à-vis do nativismo se respalda em atitude eurocêntrica, semelhante à encontrada e já assinalada em Nabuco. De maneira peremptória, afirma ele que "a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dela recebeu influxo algum; e isto basta para não ir

buscar entre as tribos vencidas os títulos de nossa personalidade literária”. O desprezo do autor pela contribuição cultural indígena não deixa de ser também lamentável. (SANTIAGO, 2004, p. 18).

Para Santiago, a literatura brasileira acostumou-se a silenciar, em pânico, por causa de temas explosivos da cultura brasileira levada à literatura. O silêncio era provocado pelo temor/susto de que a força da cultura advinda das classes ditas desqualificadas, índio e negro, corrompesse os laivos de civilização que havíamos conseguido erguer, a partir dos honestos e superiores exemplos eurocêntricos. Santiago deixa evidente que não se trata de uma crítica somente a Machado de Assis, mas ao seu sistema cultural, cuja força, está, avalia, em Joaquim Nabuco. Em contrapartida ou contraponto de Said, dois autores do sistema literário baiano podem servir de contrapeso para a nossa reflexão aqui. Os romancistas Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro não recusam as medidas teóricas do comparatismo, ao contrário, constroem as suas produções no diálogo crítico com a tradição, internamente, e são, publicamente, faladores convictos. Suas obras, sendo assim, tornam-se locais de cultura. Eles são ações na fisionomia interna de suas obras e externa, na qualidade de faladores de sua obra em navegação na cultura. Não há, por isso, uma nacionalidade a ser superada, estão em todos os lugares, nem um cânone a ser desafiado. Suas narrativas erguem e destroem o cânone a todo o momento. Se, portadores destas credenciais, eles tornam-se sujeitos polêmicos, afastam-se da tranquilidade aparente do silêncio pânico no sistema literário.

É a partir da reflexão sobre o silêncio pânico e a geração de leitores que podemos vislumbrar novas formas de representação para os estudos literários. É possível perceber os seguintes conceitos para o literário: Duas visões do Literário:

A) como produção artística através de linguagem escrita:

Contempla as pesquisas ligadas à tradição e aos cânones. Estabelece diálogo com as instituições, academias e processos pedagógicos.

B) como produção cultural:

Contempla pesquisas ligadas à memória cultural, acervos, resgates, identidades, políticas, performances, ideologias, comunidades. Estabelece diálogos com as diversas linguagens, áreas e grupamentos, mobilizações.

A partir dessa descrição, para efeito de prática cotidiana acadêmica, apresento o modelo de Literatura Comparada realizado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PROGEL/UEFS. Aqui há uma disciplina oferecida anualmente:

LDC 104 - Literatura Comparada - 45 horas (3 créditos)

Ementa: A Literatura Comparada e as interfaces que permitem o confronto de textos no contexto da diversidade cultural. Problemas teóricos e estudos práticos de natureza comparada.

## **Conclusão**

Como se percebe, a disciplina Literatura Comparada já possui um formato que opta pela cultura como paradigma de atuação. Ela é capaz de oferecer materiais teóricos capazes de abordar com razoável competência os autores referidos acima, tanto na sua polêmica como nos avançar por sobre as suspeitas da geração de leitores do agora. Uma crítica é possível a esta ementa, que seja cada vez mais aprofundada as construções e produções da diversidade cultural. Tal diversidade, é, muitas vezes, somente referida na ementa e negada na realização dos planos pedagógicos. O

silêncio pânico também avança pela contemporaneidade, vinda na companhia de produtos menores e menos suspeitos da cultura. Afinal, foi dessa forma que moléstias e ideias viajaram grandes distâncias sem serem percebidos até que, muitas vezes, era tarde demais.

Uma proposta para os estudos literários, a ser construída também por locais de agregação com a Abralic, é de uma Literatura Comparada sem “silêncios”. A geração de leitores segue carente de acompanhante na jornada da literatura e do desvendamento. Tal geração, com seus *peecings*, tatoos e gostos globalizados assumidamente de passagem, pressiona por ultrapassagens.

Outra proposta, cuja politização em muito exige e, ao que parece, não mais permite retornos, é de uma Literatura Comparada sem “pânico”. Carente de acompanhantes, a mesma geração de leitores parece precisar reconhecer seus praticantes em instâncias acadêmicas e governamentais para seguir mantendo um conceito (literatura) e um *corpus* de trabalho (os cânones).

### **Referências Bibliográficas**

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os Aparelhos de Estado. 9. ed. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 2003. (Col. Biblioteca de ciências Sociais, 25).

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1996.

AUERBACH, Erich. *Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Col. Estudos – 3).

BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Col. Obras Escolhidas – 1).

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BUENO, André e NAPOLITANO, Giuliana. Edward Said – Herança de Edward Said: mito do 'Oriente' é criação ocidental. ANBA – Agência e Notícias Brasil/Árabe [www.anba.com.br](http://www.anba.com.br), 26 de setembro de 2003.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Prefácio e notas de Hernâni Cidade. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Canto V, 18).

CANDIDO, A. Prefácio da 1. Edição. In: *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Edusp, 1975.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão São Paulo: EDUSP, 1997. (Col. Ensaio Latino-americano, 1).

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução Maria Betania Amoroso, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 12. ed. Tradução por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. 2 v.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia — Estudos Culturais: identidade e política entre o*

moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borge. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

OLINTO, H. K. Interesses e paixões: histórias de literatura. In: OLINTO, H. K. (org.). *Histórias de Literatura – as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

PINHO, Adeíto Manoel; MITIDIÉRI-PEREIRA, André Luis; PROMPT, Luzi Lene Flores; HORTA, Maria de Lourdes Ferrari (Orgs.). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 140, jun 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SAID, Edward W. Falar a verdade ao poder. In: *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

---

## **iAutor**

**Adeíto Manoel PINHO, Prof. Dr.**

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Departamento de Letras e Artes

adeitalo@uol.com.br